

## 2008 - Obama é um marco mas não o exemplo...

Obama é um marco mas não o exemplo&hellip;  
por: Eugénio Costa Almeida©

O passado 4 de Novembro do corrente ano da graça judaico-cristã de 2008 pode ser, e é-o certamente, um marco na vida política mundial. Neste dia um afro-americano realizou, 40 anos depois da sua apresentação, o sonho de Martin Luther King de ver uma América para além da raça e da pessoa. Barack Obama, afro-americano, ao ser eleito como 44º presidente dos EUA tornou-se, indiscutivelmente, um marco na vida política mundial. Mostrou que a raça é efectivamente uma única. A raça humana. Que credos, cores epidérmicas não são nem podem ser razões válidas para se singrar e se afirmar. Barack Obama foi e é um marco na vida política mundial mas não é, ao contrário do que muitos querem fazer crer e laurear o exemplo. Recordo um texto que circula na Internet e dado como tendo sido escrito pelo reconhecido escritor moçambicano Mia Couto para o semanário A Savana &ndash; apesar de não ser possível confirmá-lo no portal deste órgão comunicacional, pessoas em Moçambique já confirmaram a sua publicação e autoria &ndash;, sobre o que aconteceria se Obama fosse africano. Entre os diferentes considerandos do texto, a grande maioria pertinentes e acutilantes, há dois que ressaltam e que, também na Europa, pelo menos um deles, tem sido levantado. Se em África um não-negro e não totalmente gentio, ou seja, descendente, seria eventualmente eleito. O texto recorda casos da Zâmbia onde o Pai da Independência, Kenneth Kaunda, anda a ser questionado quanto à sua zambianidade dado que parece ser filho de malawianos. Recordo que, também em Angola, há quem questione a legitimidade de Eduardo dos Santos por ter, eventualmente ascendência em São Tomé e Príncipe (STP). Como também recordo os problemas e pressões que Luísa Diogo, a primeira-ministra de Moçambique, anda a sofrer devido à hipótese de ter uma segunda nacionalidade decorrente do seu casamento. Mas o facto e a questão meia importante e pertinente nos meios académicos e políticos mundiais está no facto, e como recorda o texto, de Obama ser um negro para os EUA e para alguns países e políticos europeus e asiáticos mas ser mestiço para África o que para algumas elites &ndash; ou pseudo-elites &ndash; africanas seriam condição mais que negativa para a sua eleição dado não ser um autêntico africano. Provavelmente não o seria, até porque nasceu nos EUA. Mas isso, e ao contrário do que alguns escrevem, não é condição básica para não ser eleito como presidente de um estado africano, como adiante se comprova. E outra questão se coloca. Quem é africano? Eu sou branco, ou caucasiano, como comprova a foto que os editores deste conceituado e respeitado semanário fazem acompanhar os meus artigos. Mas nem por isso sou menos africanos que outros que nasceram também em África. Tal como não serão menos europeus os afrodescendentes nascidos na Europa. Não aceito o rótulo da cor para justificar a continentalidade e o apego Terra-Mãe. Se assim fosse, nem eu seria africano, nem nenhum dos meus irmãos, nascidos em África, de epiderme negra. Uns porque teria vindo da região do Cáucaso, por acaso na Ásia, os chamados brancos; os negros porque teriam vindo da região do sudeste asiático, como comprovam algumas expressões e partículas linguísticas vietnamitas semelhantes às do Ba Ntu. Se fossemos rotular pela original continentalidade, só os chamados bosquímanos, hotentotes ou muancacalas, os Khoisan, seriam os verdadeiros ibero-africanos, já que eles, na antiguidade disseminaram-se entre a actual Ibéria e todo o continente africano, como comprovam alguns artefactos pré-históricos já recuperados. Barack Obama é um marco histórico na vida política mundial, mas não é o exemplo. Se há algo que as pessoas sabem fazer bem, nomeadamente os africanos, é distinguir as personalidades não em função da epiderme mas da qualidade; a prova está num pequeno Estado-arquipélago africano do Golfo da Guiné, São Tomé e Príncipe, que elegeu como seu Presidente, e já em segundo mandato, um claramente não-negro. Quem conhece, mesmo que por fotos, Fradique Melo Bandeira de Menezes sabe bem que este não tem nada do que se persiste em definir como um &ldquo;autêntico africano&rdquo;. Os norte-americanos ofereceram-nos um marco, é verdade; mas os santomenses foram mais longe; concederam-nos o exemplo. 18/Nov/2008 ©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed. nº. 192, de 22-Novembro-2008, (<http://www.correiodasemana.info/spip.php?rubrique10>)